Dia 8 — A Natividade da Santíssima Virgem

Martirológio Romano

A Natividade da santíssima sempre Virgem Mãe de Deus. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santo Adriano, mártir, com outros vinte e três, em Nicomédia; os quais, no tempo dos imperadores Diocleciano e Maximiano, depois de muitos tormentos, havendo-lhes quebrado as pernas, alcançaram a palma do martírio no dia 4 de março. Suas relíquias, havendo-as levado os cristãos a Bizâncio, foram sepultadas com grande reverência: o corpo de Santo Adriano foi depois trasladado dali a Roma em tal dia como hoje, em que se celebra particularmente sua festividade. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Amão, Trófilo, Neoterio e outros vinte e dois, em Alexandria.

Os santos Timóteo e Fausto, mártires, em Antioquia.

Os santos mártires Eusébio, Nestabo e Zenão, irmãos, em Gaza, na Palestina; os quais, no tempo de Juliano, o Apóstata, vindo sobre eles uma enfurecida multidão de gentios, foram despedaçados e assassinados.

São Néstor, mártir, ali mesmo; o qual, no tempo do mesmo Juliano, sendo cruelmente atormentado pelos mesmos gentios enfurecidos, entregou sua alma a Deus.

Santo Tomás de Villanueva, arcebispo, em Valência, na Espanha, esclarecido por sua ardente caridade com os pobres; foi canonizado pelo papa Alexandre VII. Sua festa, por decreto do mesmo Pontífice, celebra-se no dia 18 deste mês (em cujo dia se lê sua vida).

São Corbiniano, em Freising, primeiro bispo daquela cidade; o qual, sendo ordenado e enviado a pregar o Evangelho pelo papa Gregório II, fez grande fruto na França e na Alemanha; e finalmente, esclarecido em virtudes e milagres, descansou em paz.

A Natividade da Santíssima Virgem

Hoje é o dia do nascimento da santíssima Virgem, canta a Igreja: *Nativitas est hodie sanctæ Mariæ virginis.* Celebremos este ditoso dia com toda a solenidade possível: *Nativitatem hodiernam solemniter celebremus*: celebremo-lo com a maior alegria, *cum jucunditate.* Teu nascimento, ó Virgem Mãe de Deus, encheu de alegria o universo mundo: *Nativitas tua, Dei Genitrix Virgo, gaudium annuntiavit universo mundo.* Fez-nos o céu neste dia um magnífico presente, um presente de inestimável valor, diz São Bernardo: *Pretiosum hodie munus cælum nobis largitus est.* Este foi propriamente o dia em que se começaram a dissipar as espessas trevas em que por mais de cinco mil anos jazia sepultado o mundo, raiando a primeira luz no nascimento daquela brilhante aurora, esperada por tantos séculos e objeto tão longo tempo das ânsias e dos desejos de tantos Patriarcas e Profetas. Celebremos todos o nascimento da Mãe de Deus, diz São João Damasceno, por quem foi como reintegrado todo o gênero humano, sendo ela a que converteu em alegria a tristeza que nos causou nossa primeira mãe Eva. *Dei Genitricis natalem complectamur, per quam mortalium genus redintegratum est; per quam primogenitæ matris Evæ mœror in lætitiam mutatus est.* (*Serm. de Natal. B. V.*) Assim como a aurora é o fim da noite, diz o abade Ruperto, da mesma maneira este nascimento foi o fim de nossos males e o princípio de nossa dita e de nosso consolo: *Sicut aurora finis præteritæ noctis est, sic nativitas Virginis finis dolorum et consolationum fuit initium.* (Liv. 11, *in Cant.*) Onde há alegria mais pura, mais santa nem mais cheia que a que causa este ditoso dia a toda a Igreja pelo nascimento daquela que haviam anunciado os oráculos dos Profetas, como diz São Jerônimo: *Vaticinium Prophetarum* (*In Michæam*, 5); nascimento que foi como penhor das promessas de Deus, em frase de São João Damasceno: *Pignus promissionis*; e como segurança do futuro nascimento de todo um Deus: *Genitale votum nascituri Dei*?

Parece, acrescenta o mesmo Santo, que desde a criação do mundo andavam em competência os séculos sobre qual deles havia de ter a glória de honrar-se com o nascimento da santíssima Virgem: *Certabant sæcula quodnam ortu Virginis gloriaretur.* Chegou, enfim, aquele ditoso tempo determinado desde a eternidade nos arquivos da divina Providência, aquele tempo tão esperado e tão suspirado depois de tantos séculos, o ano cinco mil cento e oitenta e três da criação do mundo; o ano de dois mil novecentos e quarenta e um do dilúvio universal; o ano de mil novecentos e noventa e nove do nascimento de Abraão; o ano de mil quatrocentos e noventa e quatro da saída de Moisés e do povo de Israel do cativeiro do Egito; e o ano mil e dezesseis depois que Davi foi ungido e consagrado por rei: pela semana sessenta e cinco, segundo a profecia de Daniel, e na olimpíada cento e noventa; o ano setecentos e trinta e três da fundação de Roma e vinte e seis do império de Otaviano Augusto; na sexta idade do mundo, aquela bem-aventurada Menina, predestinada pelos decretos eternos para ser Mãe do Verbo encarnado, havendo sido concebida sem pecado por singular privilégio, aos nove meses de sua imaculada conceição nasceu em Nazaré, cidade da Galileia, a trinta léguas de Jerusalém, no dia 8 de setembro.

Até então não havia visto o mundo nascimento mais recomendável, assim pela nobreza do sangue e circunstâncias de seus pais como pela santidade e pelo mérito daquela terna Menina, que nascia para consolo de todo o universo e para admiração de toda a corte celestial. Seu pai, São Joaquim, era de sangue real, filho de Barpanter, e descendente de Davi por Natã. Este ramo da família real era originário da Judeia; mas, havendo decaído de seu antigo esplendor em muita pobreza de bens de fortuna, por singular disposição da divina Providência, que queria que os parentes mais próximos do Salvador fossem da mesma condição que ele, havia-se como desnaturalizado de seu próprio país e, arraigando sua casa em Nazaré, estava reputada por família da Galileia. Sua mãe,

Santa Ana, era filha de Matã, sacerdote de Belém, da tribo de Levi e da família de Aarão, de maneira que na pessoa de sua filha Maria se achavam ditosamente unidas o sangue real e a família sacerdotal, de que era Aarão entre os judeus. Não houve dois esposos, diz São João Damasceno, mais nascidos um para o outro; o mesmo humor, as mesmas inclinações e o mesmo parecer em tudo, acreditando assim que era obra de Deus aquele ditoso matrimônio. Sendo Deus o único objeto de seus desejos e dirigindo-se todos os seus afetuosos suspiros à vinda do prometido Messias, viviam quase sempre em doce e sossegado retiro, ocupando em oração todo o tempo que tinham livre. Eram, diz Santa Brígida, dois astros resplandecentes que, ainda que encobertos com as nuvens de uma vida obscura e abatida, deslumbrava sua claridade os mesmos Anjos e a todo o céu enamorava sua piedade e sua pureza.

Havia anos que São Joaquim e Santa Ana viviam com aquela paz, com aquela união e entregues àqueles devotos exercícios que tanto edificavam a todos, quando quis o Senhor que saísse aquele misterioso rebento da vara de Jessé, de que fala o profeta Isaías; que amanhecesse aquela aurora tão desejada, que havia de preceder por breve tempo o Sol divino, o suspirado Messias. É opinião comum que já São Joaquim e Santa Ana iam declinando para a velhice sem haver tido sucessão e sem esperanças de tê-la; de sorte que aquela esterilidade, considerada então como maldição de Deus e reputada pela mais ignominiosa desgraça que podia suceder a uma família, tirando-lhe toda esperança de ter alguma afinidade com o Messias prometido, humilhava muito tempo havia os dois santos casados; e, como por uma parte sua avançada idade e por outra seu modo de viver em perfeita continência, segundo afirma Santa Brígida, os tinha destituídos de toda esperança de sucessão, contentavam-se em derramar seu coração na presença de Deus, pedindo-lhe somente aquilo que fosse de sua maior glória. Crê-se geralmente que o Senhor revelou aos dois santos esposos que teriam uma filha, a qual havia de ser bendita entre todas as mulheres, e Deus se havia de valer dela para a salvação do povo de Israel; mas seja como for, o certo é que tiveram a santíssima Virgem, a qual nasceu milagrosamente, diz São João Damasceno, de uma mãe estéril; e, livrando seus pais da ignomínia da esterilidade, fez deles as duas pessoas mais ditosas e mais respeitáveis do mundo. (*Serm. 4 de Nativ.*) *Quid autem est*, pergunta este Santo, *cur Virgo Mater ex sterili orta sit?* Mas por que razão foi conveniente que nascesse de mãe estéril esta Virgem Mãe? Porque era, responde o mesmo, que uma coisa tão nova e nunca vista debaixo do sol nascesse também por um caminho extraordinário e que nascesse milagrosamente a que ela mesma era o maior milagre. *Quoniam scilicet oportebat, ut ad id quod solum novum sub sole erat, ac miraculorum omnium caput, via per miracula sterneretur.* Era muito posto em razão que a natureza cedesse à graça e à glória deixasse todo o seu fruto. *Natura gratiæ cedit ac tremula stat, progredi non sustinens. Quoniam itaque futurum erat ut Dei Genitrix ac Virgo ex Anna oriretur, natura gratiæ fœtum anteire minime ausa est: verum tantisper exspectavit, dum gratia fructum suum produxisset.* Havendo de nascer de Santa Ana a Virgem Mãe de Deus, não se atreveu a natureza a concorrer, digamo-lo assim, por respeito ao que havia de ser obra da graça; deteve-se em certa maneira, como para dar lugar a que a graça produzisse o fruto que lhe pertencia.

Facilmente se deixa compreender o gozo daquele afortunado pai e daquela ditosa mãe no momento em que nasceu aquela bem-aventurada Filha. Alumiados com certa luz sobrenatural, desde logo conheceram que Deus a havia criado unicamente para si e que eles não eram mais que depositários daquele tesouro. O milagroso nascimento daquela Menina foi para eles presságio certo de seu mérito e de sua excelência. «Ó ditosos pais, exclama São João Damasceno, que

destes à luz uma virgem que será Mãe de Deus sem deixar de ser filha vossa: *Virginem enim Dei matrem mundo peperistis!* Ditoso o ventre, ó Virgem santa, que te levou, e ditosos os peitos que mamaste!» Deem-se pressa todos os fiéis, exclama o devoto Sérgio de Hierápolis (liv. 4, *De Deipara*), a vir saudar a que acaba de nascer, porque antes de seu nascimento estava predestinada para ser Mãe de Deus, e com ela renasce e se renova o mesmo mundo. «Vinde, povos; vinde, nações, de qualquer clima que sejais; vinde todos, de qualquer idade e de qualquer condição que fordes, vinde celebrar o nascimento desta Virgem, com a qual, por assim dizer, nasceu nossa salvação (*Orat. 4 de Nativ.*): *Hodie mundi salus inchoavit: jubilate Deo omnis terra; cantate, et exsultate, et psallite.*» Assim exclama São João Damasceno. Quando houve motivo mais justo de regozijo? Em que outro dia havemos de explicar mais nosso alvoroço, visto que no nascimento da santíssima Virgem, como diz Santo Ildefonso, começou em certa maneira o nascimento de Jesus Cristo? (*Serm. 5 de Nativ.*) *In nativitate Virginis, felix Christi est inchoata Nativitas.* Até aqui só havia olhado Deus a terra como região de prantos, destinada para habitação de miseráveis delinquentes; mas desde o mesmo instante em que Maria se deixou ver no mundo, já há nele um objeto em que se compraz muito o mesmo Deus, e já não o pode olhar com olhos sempre irritados.

Alguns dias depois que Santa Ana se levantou do parto, a santa Menina foi levada ao templo, onde, precedendo as orações acostumadas, lhe foi imposto o nome de Maria, assegurando Santo Ambrósio, São Bernardo e outros muitos santos Padres que este nome lhe foi dado pelo mesmo céu, revelando-o o Senhor a Santa Ana e a São Joaquim, como o mais próprio para explicar a grandeza, a dignidade e a excelência daquela bendita Menina: *Dignitas Virginis annuntiatur ex nomine*, diz o Crisólogo.

Atormentam-se os engenhos, esgotam-se todos os artifícios, todos os esforços da eloquência para compor um genetlíaco ou um panegírico magnífico e pomposo para celebrar o nascimento de algum príncipe. Com efeito, que se pode dizer de um menino que acaba de nascer? Exaltar sua nobreza? Isto não é elogiá-lo a ele, mas a seus avós e ascendentes. Não há assunto mais estéril nem mais pobre que sua pessoa naqueles primeiros dias. No que toca ao porvir, tudo o que se pode assegurar com a maior certeza é que se verá sujeito a mil trabalhos e misérias; mas ignora-se se será bom ou mau, discreto ou tolo; numa palavra, até agora nada fez e ignora-se o que fará. Não assim em Maria: ainda que acaba de nascer, é certo que já fez muito, e não podemos ignorar que ainda há de fazer muito mais. Entra Maria no mundo cumulada de merecimentos, e sabemos que há de cumular o mundo de felicidades e ditas.

Não há dúvida de que a alma da Virgem foi a alma mais formosa que Deus criou antes que fosse criada a alma de Jesus Cristo; podendo-se dizer que esta foi a mais excelente obra que saiu das mãos do Criador: *Opus quod solus opifex supergreditur*, diz São Pedro Damião. À formosura daquela bela alma correspondia a do corpo. Sabe-se que, desde o mesmo instante em que aquela puríssima alma foi unida àquele formosíssimo corpo, foi também santificada, e o corpo concorreu com seus órgãos a todas as funções da vida racional. Sendo Maria concebida sem pecado no primeiro instante, recebeu com a graça o perfeito uso da razão e desde então foi ilustrado seu entendimento com todas as luzes da sabedoria e enriquecido com a cabal compreensão de todas as verdades morais naturais. Mas qual foi a medida daquela graça que recebeu e qual o primeiro emprego daquela razão tão divinamente ilustrada? Foi tão abundante aquela graça, diz São

Vicente Ferrer, que excedeu à de todos os Santos e à de todos os espíritos celestiais. *Virgo sanctificata fuit in utero super omnes Sanctos et omnes Angelos.* Naquele primeiro instante em que todos os Santos são objeto de horror aos olhos de Deus, Maria o foi de admiração às celestiais inteligências e de complacência aos carinhos do mesmo Deus.

Esta foi a santíssima Virgem desde o primeiro instante de sua imaculada conceição; e, havendo-se multiplicado em todos os instantes aquele imenso cabedal de graças, de luzes, de sabedoria e de virtudes, concebamos, se for possível, qual seria o tesouro de merecimentos com que se acharia enriquecida o dia de seu nascimento. Pois que assunto mais digno de nossas admirações, de nossos respeitos, de nossos elogios e, acrescentemos também, do culto de toda a Igreja que o nascimento desta santa Menina? Já não nos deve causar admiração que o Anjo, quinze anos depois, a encontre e a saúde como cheia de graça; nem que os santos Padres, falando da graça com que se achou no último momento de sua vida, isto é, sessenta e dois anos e nove meses depois de sua conceição e nascimento, se valham de expressões tão fortes e tão significativas. Teve muita razão Santo Epifânio para dizer que foi imensa aquela graça; Santo Agostinho, que foi inefável, e Dionísio, o Cartuxo, que foi como infinita: *Mariæ sanctitas est infinita.* São João Crisóstomo chama a Maria o tesouro de toda a graça. São Jerônimo diz que toda se derramou nela; e São Bernardino de Sena adianta-se a assegurar que recebeu toda a que é capaz de receber uma pura criatura: *Tanta gratia Virgini data est, quanta uni et puræ creaturæ dari possibile est.*

E, na verdade, se os povos costumam fazer tantos regozijos quando nascem filhos a seus soberanos e a seus príncipes, porque também a eles lhes nascem reis e monarcas que os governem e os mandem, que muito é que o nascimento de Maria enchesse de regozijo o céu e a terra, como canta a Igreja, pois nela nasceu a Rainha dos Anjos e dos homens; nossa única esperança depois de Jesus Cristo, diz Santo Epifânio; nossa fiadora com Deus, diz Santo Agostinho; nossa medianeira com o Mediador, diz São Bernardo; o remédio de todos os males, diz São Boaventura; nossa paz, nossa alegria, nossa boa mãe, diz Santo Efrém; e, enfim, nosso consolo, nossa alegria e nossa vida, como canta toda a Igreja?

Maria descendeu de Reis e de Patriarcas; mas o que mais a engrandece aos olhos de Deus não é o esplendor de sua dignidade, não sua grandeza, não seu poder, não o ruído de seus gloriosos feitos; sua santidade foi a que a fez tão recomendável em sua conceição, e esta só é a que constitui toda a sua dita e toda a sua glória em seu alegre nascimento. Nasce não já rodeada de esplendor como os grandes do mundo; não já entre o fausto, a pompa, a majestade como os reis da terra: sem esse aparato, sem esse esplendor mundano é seu nascimento, ainda que, ao parecer, tão obscuro, com grandes vantagens preferível ao nascimento de todos os grandes e de todos os monarcas do mundo. Todos eles foram concebidos em pecado; todos nasceram em desgraça de Deus, filhos de ira e objetos de ódio: só Maria nasce já objeto das divinas complacências, filha muito amada do Altíssimo, cumulada de suas mais abundantes bênçãos e enriquecida com todos os dons de seu espírito. Esta é a verdadeira grandeza, e assim honra o Rei da glória a quem quer honrar.

Crescei, santa Menina, crescei, assim para maior glória do mesmo Deus que vos criou como para maior dita daqueles em cujo favor e benefício haveis nascido. Algum dia dareis vós seu nascimento ao mesmo Deus de quem agora o recebeis. Crescei, pois, para dispor-lhe seu digno tabernáculo. Quando se encerrar em vosso puríssimo ventre vos conferirá o mais augusto caráter, elevando-vos

à sua divina maternidade. Vivei e crescei para dignidade tão eminente e para o maior e mais glorioso destino. Por meio de Vós quer vir a nós para libertar-nos da escravidão. Vivei e crescei para nossa salvação e para que, nascendo de Vós nosso Salvador, fiqueis constituída Mãe de todos os fiéis.

Admirar-nos-íamos justamente de que uma festa tão santa e que tanto nos interessa não se celebrasse na Igreja desde seus primitivos séculos, se não se soubesse a razão que tiveram aqueles primeiros fiéis, sem dúvida mais devotos de Maria e mais zelosos de seu culto que nós, para não dar motivo de crer aos gentios e às nações grosseiras, criadas na maior parte na idolatria, que os Cristãos adoravam como deusa a Mãe de seu Deus. Este era o motivo que tinham os verdadeiros fiéis naqueles nebulosos tempos para não manifestar seu zelo pelo culto da santíssima Virgem em festas ruidosas e solenes; contentando-se com render-lhe seus respeitos reverentes com uma terna devoção e com um culto reservado. Mas, logo que a Igreja do Senhor gozou de paz e que os pastores puderam instruir publicamente seu rebanho, floresceu em todo o mundo cristão o culto público e solene da santíssima Virgem; celebraram-se com pompa e solenidade seus principais mistérios; solenizaram-se suas festas com magnificência; convieram gregos e latinos neste ponto de religião, não obstante o desgraçado cisma; e o nascimento da santíssima Virgem foi uma das principais festas entre os Cristãos. *Ortum Virginis didici in Ecclesia*, diz São Bernardo, *et ab Ecclesia indubitanter haberi festivum atque sanctum: firmissime cum Ecclesia sentiens, eam accepisse in utero ut sancta prodiret.* «A Igreja é a que me ensinou a celebrar a Natividade da santíssima Virgem com toda a devoção e com toda a solenidade possível. Creio firmemente com toda a Igreja que, havendo sido santificada no ventre de sua Mãe, é objeto digno de nosso culto desde o primeiro instante em que nasceu.»

Festa de Nossa Senhora de Montserrat e História de seu Ditoso Achado

O ditoso achado e descobrimento da venerabilíssima e milagrosa imagem de Nossa Senhora, que com o nome de Montserrat é venerada na Catalunha e celebrada em todo o orbe católico, aconteceu sendo conde soberano de Barcelona Wifredo, o Cabeludo, pelos anos do Senhor 888. Os muitos e grandiosos milagres, singulares benefícios e mercês que por intercessão da mesma sacratíssima Senhora obra Deus Nosso Senhor cada dia nos que com reverência e devoção visitam aquela santa Imagem exigem dizer algo do muito que poderia dizer-se das maravilhas daquele sagrado monte, felicíssimo santuário de Maria.

A célebre e prodigiosa montanha de Montserrat, separada dos demais montes vizinhos, é de figura tão estranha e particular que não se conhece outra semelhante. Sua aspereza, aos que a olham de longe, parece inacessível; mas, com ser toda penhas e riscos, há nela árvores frutíferas, ervas

saudáveis e flores silvestres. E, porque as penhas desta montanha estão divididas umas das outras como se as houvessem partido com serra, chama-se em língua catalã a montanha Montserrat, que é o mesmo que *monte serrado*. No cume especialmente há penhascos pelados agrupados uns e separados outros, formando todos pirâmides da cor da carne desde vinte até cento e cinquenta pés de altura. Pela parte que olha ao Norte, as cortadas penhas e talhados riscos parecem uma cortina ou pano de alguma bem fortalecida cidade situada naquele alto. Desde o pico superior da montanha de Montserrat descobrem-se as ilhas Baleares, que estão a duzentas milhas dentro do Mediterrâneo, como se estivessem na Catalunha. Algo mais acima da metade de sua falda está situado o famoso mosteiro, onde se venera a portentosa imagem da Virgem; e nas pontas e picos das rochas encontram-se ermidas construídas algumas nas concavidades das penhas e outras nos mesmos cumes, que serviam antigamente a vários piedosos varões dados à solidão e à penitência.

A história do descobrimento da portentosa imagem de Nossa Senhora que chamamos de Montserrat e fundação de seu magnífico mosteiro é como segue:

Vivia naquele monte, fazendo vida eremítica, pelos referidos anos de 888, um santo varão chamado Fr. João Garin, cuja nação e pais se ignoram, ainda que se crê que foi catalão. Esteve muitos anos fazendo áspera penitência numa cova que ainda hoje tem seu nome e está num alto junto ao mosteiro. O demônio, movido de inveja por não havê-lo podido induzir a cometer nenhum pecado mortal, determinou estabelecer-se na mesma montanha, em hábito também de ermitão e de varão santo, como costuma fazê-lo algumas vezes, e ocupava outra cova muito perto da de Fr. João Garin, que há em cima do mosteiro, a qual hoje se chama a *cova de Satanás* ou do diabo. Estando, pois, o varão santo em sua cova, foi um dia o fingido ermitão visitá-lo e lhe manifestou admirar-se de que houvesse tantos anos que estava servindo a Deus naquela montanha e nunca o houvesse visto até aquele dia; mas que de agora em diante o tivesse por vizinho, e que acudiria a miúdo vê-lo, como com efeito o fez, para ter melhor ocasião de tentá-lo.

Entretanto, outro demônio entrou no corpo da infanta Richilda, filha do conde de Barcelona Wifredo, o Cabeludo; e, sendo conjurado o inimigo muitas vezes, disse que nunca sairia daquela donzela se não a levassem a Fr. João Garin, servo de Deus, que vivia na montanha de Montserrat. Informado o Conde de quem era aquele santo varão, ele mesmo foi com sua filha e, havendo dito a Frei Garin a causa de sua visita, o santo varão rogou a Deus que por sua infinita bondade se apiedasse da atormentada donzela.

Mal acabou a oração o santo anacoreta, a donzela ficou livre do demônio. Não se pode explicar o contentamento do Conde e dos que com ele iam por tão feliz sucesso; mas, lembrando-se o Conde de que havia dito antes o demônio que, se não deixassem a donzela só com o santo homem em sua cova por nove dias, voltaria a ela, disse-o a Fr. João Garin, pedindo-lhe que o tivesse por bem. Desgostou-o em extremo ao solitário a demanda do Conde, à qual contradisse com todas as suas forças; mas tanto porfiou o Conde que houve de consentir em que ficasse lá a donzela; e o Conde com sua comitiva desceu ao lugar de Monistrol, situado ao pé da montanha, para esperar ali os nove dias; e tinha cuidado de enviar cada dia a comida para sua filha. O santo ermitão lhe dava muito bons documentos e lhe ensinava como havia de servir a Deus e salvar sua alma. Mas a familiaridade deu motivo à trama que já o demônio tinha urdida, porque se levantou de improviso um fogo tão terrível no peito fatigado pelos jejuns e asperezas de Fr. João Garin que, temendo a

queda, determinou separar-se a todo custo da donzela. Dirigiu-se o servo de Deus ao falso ermitão e, depois de haver-lhe comunicado sua tentação, pediu-lhe seu conselho. Respondeu-lhe o demônio que a separação que se propunha não era mais que uma covardia, que antes devia perseverar para ganhar coroa na peleja. Com tudo isto, ainda que Fr. João não se foi, encarecia aos criados do Conde que lhe dissessem de sua parte que, pois sua filha estava remediada, viesse por ela e a levasse. Uma noite, por fim, foi a tentação tão veemente no ermitão fraco que, perdida a razão e vencido, aproveitou-se da donzela e a desonrou.

Ao delito sucedeu a confusão e a vergonha até o ponto de desesperar. Não obstante, foi pedir conselho ao falso ermitão, o qual o consolou, dizendo-lhe que de nenhuma maneira devia expor-se a perder sua reputação de santidade, e muito menos às consequências do ressentimento do Conde, pois devia estar certo de que sua filha lhe diria a força que lhe havia sido feita; por conseguinte, que sem perder momento voltasse à sua cova e a matasse, enterrando-a secretamente.

Fr. João Garin achou bom o conselho: degolou, pois, a filha do Conde e logo a enterrou debaixo de umas penhas no mesmo lugar onde está hoje a igreja. Feito já o enterro, depois do estupro e do homicídio, deixando o falso ermitão seu disfarce, apareceu a Fr. João Garin tal qual era e, zombando dos pecados que lhe havia feito cometer, disse-lhe muitas coisas para fazê-lo desesperar da misericórdia divina. O demônio houvera conseguido indubitavelmente seu objeto se o Senhor não houvesse detido milagrosamente com sua mão piedosa o pobre Garin, o qual, voltando a si, começou a chorar amargamente suas culpas, pedindo perdão e misericórdia delas ao mesmo Senhor que tinha agravado. Propondo-se em seguida fazer verdadeira penitência, que é a própria e mais segura medicina dos pecados, determinou ir buscá-la na cidade de Roma e recebê-la diretamente do Vigário de Jesus Cristo na terra.

No dia seguinte passou o Conde com toda a sua comitiva à cova onde havia deixado sua filha com Fr. João. Mas, não achando ali nem um nem outra, pode imaginar-se, e não explicar-se, o desconsolo do Conde e dos seus: mandou que os buscassem pelo monte e, não achando indício nenhum, teve que voltar a Barcelona aflito e pensativo.

Caminhavam a um mesmo tempo o conde Wifredo para Barcelona e o arrependido João Garin para Roma. Ao chegar este à santa cidade, confessou-se com o mesmo Sumo Pontífice, o qual o absolveu: dando-lhe em penitência que de joelhos por terra voltasse à sua ermida e que nunca olhasse ao céu, mas que, a gatas ou a quatro pés, como um jumento que havia sido pelo pecado, andasse arrastando seu corpo até que um menino de quatro ou cinco meses lhe dissesse que se levantasse, que já Deus o havia perdoado.

Aceitou Fr. João a penitência e gastou no caminho muito tempo pelo pouco que podia caminhar daquela sorte; e, voltado à sua cova, fez áspera penitência, não comendo senão ervas. Com o tempo se lhe romperam os vestidos, ficando todo nu e, com o rigor dos frios e calores e a pouca comida, secaram-se-lhe as carnes e o cabelo cresceu-lhe tanto que parecia um urso selvagem. Completavam-se sete anos que Garin perseverava naquela penitência quando foi achado por caçadores da criadagem do mesmo conde Wifredo, o Cabeludo, os quais, não pensando que fosse homem, mas selvagem de natureza estranha, lhe ataram uma corda ao pescoço, sem que ele o

resistisse, e o apresentaram a seu senhor, o qual, como animal raro, mandou levá-lo a Barcelona, onde o puseram num estábulo da casa do Conde, e ali lhe davam de comer.

Enquanto o penitente Fr. João Garin estava incógnito na casa do próprio ofendido conde de Barcelona, aconteceu o feliz achado da imagem de Nossa Senhora, e passou desta maneira:

Estando sete meninos ou pastorzinhos do lugar de Monistrol apascentando algumas reses pela montanha de Montserrat, alguns sábados, assim que se fazia de noite, viram que a uma cova da montanha, posta à parte que olha ao Oriente, desciam do céu luzes de resplendor extraordinário, às quais se seguiam melodias de suavíssimos cânticos e concertada música. Vista e ouvida uma e outra vez aquela celestial visão, disseram-no a seus pais e, visto por estes ser verdade o que diziam os meninos, deram notícia ao cura de Monistrol. E também este, certificado da maravilha, determinou dar razão daquele caso ao bispo de Manresa.[^1] O qual, com muita comitiva, subiu no sábado seguinte à montanha de Montserrat, à hora em que se toca a Ave-Maria, e viu as luzes e ouviu a música, cujas melodias duraram até a meia-noite, ficando muito admirados o Prelado e os que com ele estavam. No outro dia, domingo, deu ordem o Bispo que se examinasse o lugar onde costumavam entrar as luzes; e, ainda que se verificou com suma dificuldade pela aspereza da subida, dentro de uma pequena cova viram uma imagem de vulto de Nossa Senhora e de grande devoção, sentindo dentro daquele lugar muita fragrância. Chegou o Bispo e viu a Imagem, e ficou admirado e cheio de gostos do céu.

Jamais se pôde saber quem ali a pôs ou de onde veio aquela Imagem: pôde ser que algum devoto a escondesse na cova em que foi achada ao tempo em que os mouros andaram pela Catalunha.

Achada, pois, a venerável Imagem, mandou o Bispo trazer cera e ordenou uma devota procissão, com propósito de levar aquela preciosa joia e enriquecer com ela a igreja de Manresa. Mas, desde que chegou ao lugar onde agora está a igreja do mosteiro, já não houve forças nos que a levavam em andas para passar adiante, mover atrás nem mover um ponto a santa Imagem.

Conhecido do Bispo por divina inspiração aquele mistério e que era vontade de Deus que ficasse ali a sagrada Imagem, determinou juntamente com o clero e povo ali presentes que se edificasse naquele lugar uma capela em honra e reverência de Nosso Senhor Jesus Cristo, a título e invocação de sua santíssima Mãe, com o nome de Montserrat, ficando em sua guarda o cura que havia dado aviso ao bispo de Manresa.

Quando o dito passava na montanha de Montserrat, estando ainda Fr. João Garin em sua penitência, completos já sete anos sem olhar ao céu, mas tratado como besta selvagem no estábulo da casa do Conde, com uma corda ao pescoço, aconteceu que, fazendo o conde Wifredo, o Cabeludo, um magnífico convite regozijando-se do feliz parto de um filho varão que havia tido a Condessa três meses antes, foi trazido o selvagem ao lugar do convite; e, enquanto estavam comendo, aproximou-se a ama do selvagem, tendo em seus braços o infantezinho cujo natalício se festejava; o qual, pondo então sua terna vista no suposto bruto, em vez de espantar-se como era natural, em alta e inteligível voz disse ao penitente: «Levanta-te, Fr. João Garin, que Deus te perdoou teus pecados.»

Desde que Fr. João ouviu a voz do menino e viu cumprido o que o Papa lhe havia mandado esperar, levantou-se em pé e começou por dar graças a Deus da mercê que lhe havia feito em haver aceitado sua penitência: foi logo ao Conde e, de joelhos, referiu-lhe o sucesso de sua filha, dizendo-lhe que fizesse dele o que tivesse por conveniente. O Conde, muito admirado, respondeu-lhe que, pois Deus o havia perdoado, ele também o perdoava; e mandou tirar-lhe a forma de selvagem e vesti-lo como religioso.

Tratou-se logo pelo Conde de ir ao lugar aonde Fr. João Garin havia enterrado a donzela para trasladar seu corpo a Barcelona e visitar ao mesmo tempo a capela que novamente se edificava em honra de Nossa Senhora. Chegados ali e acabadas as devotas orações à Imagem recentemente descoberta, mostrou Fr. Garin o lugar onde estava enterrada a Infanta: apartadas as pedras que a cobriam, apareceu a filha do Conde viva, formosa e sem lesão alguma; só mostrava em seu pescoço um sinal como um fio de escarlate por onde lhe havia passado o cutelo. Inexplicável foi o regozijo do Conde e de todos os presentes. Falou o Conde a sua filha, perguntando-lhe o que havia sido dela, e respondeu que, antes que fosse degolada, havia tido sempre grande devoção à Virgem, e ela se havia servido preservá-la da morte e guardá-la naquele lugar tantos anos e dias como haviam passado. Quis o Conde levar consigo sua filha com intento de casá-la; mas ela manifestou que nunca tomaria marido e que seus desejos eram permanecer toda a sua vida a serviço da Virgem e de seu Filho em Montserrat. O Conde, vistos os louváveis intentos de sua filha, edificou na nova ermida um mosteiro de monjas sob a regra de São Bento, do qual foi a primeira abadessa a mesma infanta Richilda, filha do dito conde Wifredo, o Cabeludo. Serviram no novo mosteiro de capelão e donado respectivamente os veneráveis cura de Monistrol e Fr. João Garin; onde um e outro acabaram santamente sua vida.

Uns cem anos depois, crescendo a devoção daquela santa casa e visto que a abadessa e as monjas não bastavam para prover no que convinha à muitíssima gente que concorria por razão da sagrada Imagem, e que não parecia bem por outra parte comunicar monjas com tanta gente estrangeira, o conde Borrell, com autoridade do Sumo Pontífice, levou dali as monjas ao mosteiro de São Pedro das Puelas de Barcelona e pôs monges claustrais da mesma Ordem de São Bento, tirados do mosteiro de Ripoll. Depois, pelos anos de 1493, os católicos reis D. Fernando e dona Isabel puseram nele a Observância, sendo o primeiro abade observante Fr. García de Cisneros.

Não devemos passar em silêncio que a alguns lhes parece que tem dificuldades a história do achado da imagem de Nossa Senhora de Montserrat e o mais que se disse da história de frei João Garin tão enlaçada com aquela. Responde-se a isto que por tradição antiquíssima assinalam-se ainda as covas de Fr. João Garin e a de Satanás, o fingido ermitão, e há (ou ao menos havia antes dos últimos sucessos políticos que tantas preciosas antiguidades destruíram) figuras de pedra que representam o penitente e o infante em braços de sua ama, com tanta antiguidade, na mesma casa dos condes de Barcelona onde passaram os sucessos referidos e subsiste ainda hoje na outra esquina do convento de monjas agostinianas intitulado de Santa Madalena na Riera de São João, a qual possuíam antes de agora os monges Bernardos de Santas Cruces, que bem poderia notar-se de muito incrédulo e duro o que pertinazmente a negasse. E assim, em nosso conceito, não há por que se ponha em dúvida, visto que, se nossas histórias, conforme diz o Dr. Pujades, não têm a autoridade do livro de Daniel, contudo ninguém pode negar que pôde repetir-se a penitência do rei Nabucodonosor, o qual andou sete anos como selvagem sem levantar os olhos ao céu e pastando

ervas. E se não, diz nosso Villegas, dê-se outra origem e contem-se outra história digna de uma Imagem tão nomeada em toda a cristandade e tão famosa por milagres; a qual não dando, como é certo que não darão, receba-se e dê-se crédito ao que se disse.

A devotíssima imagem que hoje está no altar-mor da igreja do mosteiro de Montserrat é a própria cujo milagroso achado referimos: sua figura é como de uma nobre senhora, o rosto moreno, mas bem formado, muito deleitável à vista, ainda que de grave autoridade e magnificência; tanto que se conhece evidentemente que com seu grave aspecto move à reverência e causa espanto aos que se atrevem a olhá-la de perto. Sabem isto muito bem os que lhe mudam os mantos em feiras e festividades segundo o cerimonial da Igreja, que mal ousam olhá-la no rosto, porque lhes aterra e espanta. Está sentada com majestade e em seu regaço sustenta a imagem de seu benditíssimo Filho, assentadinho, do tamanho de um infante de três a quatro meses. A imagem da Mãe tem a mão esquerda sobre o ombro esquerdo da de seu Filho, tirando a direita debaixo do braço direito da mesma figura do Senhor, tão estendida que o infantezinho a pode bem ver, e algo fechada à maneira de quem quer mostrar-lhe alguma coisa de peso e entretê-lo.

Antes das vicissitudes políticas que tanto têm variado a face de nossas casas religiosas da Espanha, gloriosos monumentos da piedade e magnificência de nossos maiores, ardiam diante da sagrada imagem de Nossa Senhora de Montserrat sessenta e duas lâmpadas, todas de prata, que deram Sumos Pontífices, Imperadores e Reis. Havia constantemente quarenta círios, alguns deles de vinte e cinco quintais de cera. Havia riquíssimos ornamentos e joias e prendas de sumo valor para o serviço do altar, dádivas generosas de pessoas principais e devotas. E viam-se também milhares de imagens, umas pintadas, outras de vulto de homens e mulheres, algumas de cera, outras de madeira, com diversos sinais de feridas de lanças, de espadas, de arcabuzes, setas e de outras muitas maneiras, que todas eram feridas mortais e por intercessão de Nossa Senhora foram curadas. Estavam todas as paredes da igreja e claustros povoadas de semelhantes troféus. Dos milagres provados com as diligências necessárias e convenientes há um livro grande, em que são sem número os enfermos sãos, os endemoninhados livres, os cativos fora de cativeiro e os mortos ressuscitados; todos pelos méritos e favor da Virgem honrada e reverenciada em sua santa imagem de Montserrat.

A festividade celebra-se em tal dia como hoje, em que a Igreja faz comemoração da Natividade de Nossa Senhora. (Domènech e Pujades.)

Santo Adriano, Mártir

Em Nicomédia, cidade na província da Bitínia, mandou o imperador Maximiano buscar com muita solicitude e diligência a todos os cristãos que ali havia. Prenderam-se muitos e, depois de havê-los admoestado que adorassem os ídolos, e eles permanecendo na confissão da fé de Jesus Cristo, mandou-os açoitar com duros nervos, cruel e desaforadamente. Depois disto, por ouvi-los que louvavam Jesus Cristo neste martírio, mandou dar-lhes com pedras nas bocas e cortar as línguas. Eram estes mártires em número vinte e três. Estava ali Adriano como ministro de justiça,

entendendo, por mandado do Imperador, na execução desta obra. Era idólatra e homem principal na casa de Maximiano. Pois, como ele visse a paciência com que os santos Mártires padeciam tão terríveis tormentos, admirado disto, disse-lhes: «Pelo Deus que adorais e por quem padeceis semelhantes tormentos, vos conjuro que me digais com toda a verdade: qual é o prêmio e retribuição que esperais por padecê-los? Porque a mim figura-se-me que devem ser muito grandes.» Os santos Mártires, ainda que sem línguas, responderam, permitindo-o Deus: «O que esperamos de prêmio e paga é tanto que nem o viram olhos, nem o ouviram ouvidos, nem pôde caber em coração de homem; porque é bem inefável que tem Deus para seus amigos.» Não foi mister mais para Adriano, ouvindo isto, senão que, tocado de Deus, cobiçoso de ser participante de tanto bem, entrou no meio deles e disse ao escrivão perante quem passava a causa: «Escreve meu nome com os demais soldados de Cristo, porque quero ser cristão como eles o são.» Soube isto o Imperador quando leram o nome de Adriano entre os cristãos que estavam presos. Mandou chamá-lo e disse-lhe: «Estás louco, Adriano? Como queres assim acabar tua vida miseravelmente?» Respondeu Adriano: «Não estou louco; antes o estive e vim a ter siso, como agora o tenho, por ser cristão e não idólatra, como antes o era.» O Imperador teve com ele muitas razões, procurando apartá-lo de seu propósito; e, visto que não podia, cheio de ira e indignação, mandou carregá-lo de grilhões e cadeias e pô-lo no cárcere. Era Adriano moço de vinte e oito anos e tinha por mulher a Natália, que era cristã. Ela, como entendeu o que se passava, cheia de gozo foi ao cárcere e, lançando-se aos pés de seu marido, beijando os grilhões, dizia-lhe: «Bem-aventurado és, senhor meu Adriano, que achaste as riquezas que não te deixaram teus pais: já vais seguro a Jesus Cristo, em quem puseste os tesouros para achá-los no tempo da necessidade, quando ninguém bastará a livrar de penas o miserável que se condenar; não o pai ao filho, não a mãe à filha, não as riquezas do mundo perecedouras, não a ambição de muitos criados, não o amplíssimo patrimônio; não valerá o amigo ao amigo, mas a cada um o que lhe há de valer hão de ser suas obras; tu, senhor meu, tens contigo Jesus Cristo, em quem puseste teus tesouros; caminha no começado, não te canses, para que gozes de suas promessas; nem baste a tirar-te do caminho que levas a memória dos bens perecedouros da terra, não os parentes, não os gemidos de teus pais, não a formosura e beleza de teu corpo, não as adulações dos amigos, não as ameaças dos inimigos; não te espantem os tormentos do tirano, mas olha a constância e paciência destes santos Mártires que estão contigo: imita-os na vida e serás com eles premiado na morte.» Havendo dito isto a santa mulher, andava de um em outro beijando as prisões que tinham e dizia-lhes: «Rogo-vos, servos de Jesus Cristo, que animeis meu senhor e marido Adriano; ganhai sua alma para o mesmo Jesus Cristo; sede-lhe vós pai; nasça por vós para a vida eterna.» O santo mártir Adriano disse-lhe: «Vai, irmã minha, para casa, que, chegando o tempo de nosso juízo e exame, eu te avisarei para que te ache presente e vejas o fim deste feito.» Passados alguns dias, sabido por Adriano que se tratava de concluir seu pleito e o dos outros cristãos que estavam presos com ele, deu dinheiro a alguns de seus conhecidos, e como fiadores, para que o deixassem ir à sua casa, e que voltaria logo. Adriano era tão amado de todos que estes davam mostra de desejar que não voltasse à prisão, ainda que eles se vissem em perigo, a troco de que ele ficasse com a vida; e não é de crer outra coisa senão que com este intento fizeram esta fiança. Não faltou quem foi a sua mulher Natália e lhe disse como ia Adriano à sua casa; ouvindo-o ela, primeiro não o creu e logo disse: «Pois, e quem pôde livrá-lo das prisões em que eu o deixei?» Chegou um criado seu e afirmou que vinha. Ela, pensando que fugia do martírio, entristeceu-se demasiadamente e começou a chorar; e, como de longe o visse vir, arrojou a labor que tinha em suas mãos e correu à porta e fechou-a muito bem, dizendo:

«Não tratarei mais contigo, nem eu o veja com meus olhos, o covarde que voltou atrás do bom caminho que levava e mentiu a seu Deus e Senhor: não me fale palavra, Senhor; não me fale palavra, nem ouça eu língua que fez engano à presença de seu Criador.» Chegou-se mais junto dele, tendo ainda bem fechada sua porta, e disse-lhe: «Ó homem, entre todos os homens, descrente e sem Deus! Quem te fez força que começasses o que não havias de acabar? Quem te apartou daqueles Santos em cuja companhia eu te deixei? Quem te enganou para que te apartasses do contento da paz e eterna alegria? Dize-me, por que voltaste as costas antes que se começasse a batalha? Por que arrojaste as armas como covarde antes que visses o inimigo que saía contra ti a fazer-te guerra? Por que o contas já entre os feridos, e não se disparou seta? Que farei, infeliz de mim! Quem me juntou com um descrente? Não mereci eu ser chamada mulher de mártir, mas de agora em diante me chamarão mulher de renegado: por um momento foi minha alegria, e por muitos séculos será minha afronta e opróbrio.» O bem-aventurado Adriano estava fora, à porta, muito gozoso de ouvir estas razões à sua mulher. Dizia-lhe: «Abre-me, irmã minha Natália, que não venho fugindo da morte, como tu pensas, mas a chamar-te para que te ache presente a nosso martírio, como te prometi.» Não o cria Natália; antes o chamava enganador. Ele afirmava que era verdade o que lhe dizia e que, se não lhe abria logo, voltaria, por não faltar à sua palavra nem ser privado do martírio. Deu-lhe já crédito Natália; abriu sua porta e lançou-se-lhe aos pés muito humilde. Ele a abraçou, e os dois juntos voltam ao cárcere, e no caminho disse Adriano a Natália: «Dize-me, irmã minha, que ordem deste a tua fazenda e patrimônio? Não queiram sequestrá-lo depois de minha morte os ministros dela.» Respondeu Natália: «Não queiras, senhor meu, lembrar-te dos bens transitórios e perecedouros deste mundo, porque não cativem teu coração e desejo. Lembra-te e põe os olhos nos bens perduráveis e eternos, que estão já perto de comunicar-se a ti e aos Santos em cuja companhia desejas morrer por Jesus Cristo.» Chegaram ao cárcere, e admiraram-se todos de Adriano, como havia voltado a ele, estando certo de que vinha a morrer. O imperador Maximiano mandou chamar e trazer à sua presença todos os presos cristãos. Apareceram alguns cujas carnes eram ulceradas e podres nos lugares que tinham as prisões, grilhões e cadeias, de tal maneira que se haviam ali já engendrado vermes e andavam fervendo. Chegou-se Natália a seu marido Adriano e disse-lhe: «Olha, senhor meu, que tua alma esteja firme em Deus. Não vacile e tome espanto teu coração quando os tormentos se te apresentem à vida corporal. O trabalho de agora durará pouco, e o prêmio e bem-aventurança que daqui resultará durará para sempre.» Pôs os olhos o Imperador em Adriano e disse-lhe: «Ainda permaneces em tua loucura?» Respondeu o santo Mártir: «Por esta que tu chamas loucura estou aparelhado a dar a vida.» Maximiano se enojou tanto disto que lhe mandou despir e açoitar cruelmente em sua presença. Cansavam-se os verdugos e sucediam uns a outros, e nem se cansava o tirano de mandar-lhe aumentar o tormento, nem Adriano de sofrê-lo com muito ânimo e paciência. Oh, quem visse Natália a esta sazão, as cores diversas que trocava seu formoso rosto! Já de temor mostrava-se amarela, pensando se seu marido havia de deixar-se vencer com a terribilidade do tormento; já, vendo-o que padecia com ânimo valeroso e forte, tornava-se rosada e muito alegre. Punha nela seus olhos Adriano e, sem que lhe falasse, só em seu semblante entendia dela que lhe dizia que perseverasse e olhasse que quanto mais cresciam os tormentos mais se aumentava o prêmio. Chegou a tanto este tormento de açoites no valeroso Mártir que, rotas suas carnes e descobertos seus ossos, se lhe descobriam as entranhas. O tirano, cansado já de vê-lo derramar sangue, mandou-o voltar ao cárcere carregado de prisões como antes. Visitou-o ali Natália em companhia de outras devotas mulheres, as quais levavam de comer aos santos Mártires que estavam com ele,

sendo em todos vinte e três; com o que, sabido do Imperador, vedou a entrada no cárcere às mulheres. Natália cortou o cabelo e vestiu-se como homem e entrava a dar de comer e regalar Adriano, seu marido, e os demais Mártires; e por seu exemplo fizeram o mesmo outras daquelas mulheres. Estiveram ali alguns dias os Santos, até que, lembrando-se deles Maximiano, mandou que tornassem a trazê-los à sua presença. Saíram daquele escuro e penoso cárcere tão malparados que sua vista causava horror e grande lástima; com tudo isso, eles constantes na fé de Cristo como de primeiro. Mandou que com um machado lhes quebrassem as pernas, e assim foi feito. Acrescentou-se neste tormento a Santo Adriano que lhe cortaram também uma de suas mãos. Os santos Mártires neste martírio, orando ao Senhor, deram suas almas. Mandou Maximiano que seus corpos fossem queimados e, dando-se ordem nisto pelos verdugos, estando os corpos juntos, a lenha chegada e posto o fogo nela, de repente o céu se cobriu de nuvens negras e escuras. Começam a soar trovões e a fazer relâmpagos e caem raios que mataram alguns dos pagãos que andavam dando ordem para queimar os santos corpos dos Mártires; os demais fugiram. Animaram-se com isto certos cristãos e tomaram as relíquias dos santos Mártires, livrando-as do fogo; e, entrando com elas num navio, passaram a Constantinopla e ali com grande honra as sepultaram. Depois de alguns dias, a valerosa matrona Natália, fugindo de um tribuno que a pedia por mulher e desejosa de estar onde estavam as relíquias daqueles Mártires, passou de Nicomédia a Constantinopla e ali santamente morreu e deu sua alma ao Senhor. O Martirológio Romano assinala seu dia a primeiro de dezembro. O corpo de Santo Adriano, depois de algum tempo, foi trasladado a Roma, e o Martirológio Romano assinala também que foi este dia 8 de setembro em que se lhe celebra a festa. Seu martírio põe o mesmo Martirológio em 4 de março: foi perto dos anos do Senhor de 300, imperando Diocleciano com Maximiano.

O Beato Gudila

A santidade do beato Gudila, célebre arcediago de Toledo, é famosa dentro e fora da Espanha. «São Juliano, diz o Pe. Flórez, primeiro diácono e logo arcebispo de Toledo, contraiu singular amizade com outro, que, como ele, se havia criado na catedral, chamado Gudila, a quem Félix, arcebispo, elogia com título de santa memória, e chegou a ser arcediago da santa igreja, assinando como tal o concílio XI de Toledo. Entre os dois parece que não havia mais que uma alma, concordes sempre no bom e desejosos igualmente de retirar-se a viver em mosteiro; mas, como isto não se lhes proporcionasse, procuraram resgatar aquele emprego com outros muito do agrado de Deus, cuidando de instruir os inferiores e ser eles prontíssimos em obedecer aos maiores, sem descuidar-se de outros fervorosos exercícios de virtude, empenhados em grangear e adiantar em todas. No ano oitavo de Wamba, isto é, no de 679, morreu Gudila em tal dia como hoje, e seu amigo São Juliano lhe deu honrosa sepultura num mosteiro dedicado a São Félix na vila Cabense.» Semelhantes elogios tributa à santidade de nosso Arcediago o célebre Morales, seguindo seu historiador o prelado Félix, pois diz que este «bem largamente conta a viveza da fé de ambos (Juliano e Gudila), o ardor de sua santidade e a humildade e obediência em todo o seu ministério... Quis Deus dar a Gudila cedo o prêmio deste bom servir, etc.». Tal homem, escreve Nicolau Antônio, deixou com sua santidade enobrecida a igreja de Toledo. Padilla, Tamayo, Ferrari, Peyronet e outros põem Gudila nos catálogos que escreveram, uns de Santos da Espanha, outros

de Santos em comum. Mencionam-no também os Bolandistas, *in prætermissis ad diem 27 aug. et 8 sept.*

Santa Adela, Viúva

Santa Adela era viúva de São Sidrônio, mártir que foi coroado em Roma durante a perseguição de Aureliano. Passou a Roma no ano de 1067, onde recebeu o hábito religioso das mãos do papa Alexandre II, levando consigo as relíquias de São Sidrônio, com as quais enriqueceu o mosteiro de beneditinas de Messines, a duas léguas de Ypres, que fundou ela mesma e no qual morreu. Santa Adela, a fundadora, é honrada entre as Santas deste famoso mosteiro no dia 8 de janeiro.

Missa (oração)

A missa é do mistério, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Famulis tuis, quæsumus, Domine, cælestis gratiæ munus impertire; ut quibus beatæ Virginis partus exstitit salutis exordium, Nativitatis ejus votiva solemnitas pacis tribuat incrementum. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que concedais a vossos servos o dom da graça celestial, para que a solenidade votiva do nascimento da bem-aventurada Virgem dê aumento de paz àqueles a quem seu parto foi o princípio de salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do livro dos Provérbios.

Provérbios 8,22-35

> **Latim:** 22 Dominus possedit me in initio viarum suarum antequam quidquam faceret a principio. 23 Ab æterno ordinata sum, et ex antiquis antequam terra fieret. 24 Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram : necdum fontes aquarum eruperant, 25 necdum montes gravi mole constiterant : ante colles ego parturiebar. 26 Adhuc terram non fecerat, et flumina, et cardines orbis terræ. 27

> Quando præparabat cælos, aderam ; quando certa lege et gyro vallabat abyssos ; [28] quando æthera firmabat sursum, et librabat fontes aquarum ; [29] quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos ; quando appendebat fundamenta terræ : [30] cum eo eram, cuncta componens. Et delectabar per singulos dies, ludens coram eo omni tempore, [31] ludens in orbe terrarum ; et deliciæ meæ esse cum filiis hominum. [32] Nunc ergo, filii, audite me : beati qui custodiunt vias meas. [33] Audite disciplinam, et estote sapientes, et nolite abjicere eam. [34] Beatus homo qui audit me, et qui vigilat ad fores meas quotidie, et observat ad postes ostii mei. [35] Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino.

Português: [22] O Senhor me possuio no principio de seus caminhos, des do princípio antes que creasse cousa alguma. [23] Des da eternidade fui constituída, e des do principio, antes da terra ser creada. [24] Ainda não havia os abysmos, e eu estava já concebida: ainda as fontes das aguas não tínhão arrebatado: [25] ainda se não tínhão assentado os montes sobre a sua pesada massa: antes d'haver outeiros, era eu dada á luz: [26] ainda elle não tinha feito a terra, nem os rios, nem tinha firmado o mundo sobre os seus pólos. [27] Quando elle preparava os ceos, eu me achava presente: quando com lei certa, e dentro do seu âmbito encerrava os abysmos: [28] quando firmava lá no alto a região ethérea, e quando equilibrava as fontes das aguas: [29] quando circumscrevia ao mar o seu termo, e punha lei ás aguas, para que não passassem os seus limites: quando sustentava pendentes os fundamentos da terra: [30] estava eu com elle regulando todas as cousas: e cada dia me deleitava, brincando em todo o tempo diante d'elle: [31] brincando na redondeza da terra: e achando as minhas delicias em estar com os filhos dos homens. [32] Agora pois, filhos, ouvi-me: Bemaventurados os que guardão os meus caminhos. [33] Ouvi a instrucção, e sede sabios, e não queirais rejeitalla. [34] Bemaventurado o homem que me ouve, e que vela todos os dias á entrada da minha casa, e que está feito espia ás ombreiras da minha porta. [35] Aquelle que me achar, achará a vida, e haverá do Senhor a salvação.

Reflexões

O que me achar, achará a vida e beberá a salvação na bondade do Senhor, ao que acrescenta imediatamente o Espírito Santo: *Mas o que pecar contra mim, danará sua alma. Todos os que me aborrecem amam a morte.* Esta é a maior prova do que disseram constantemente unânimes todos os santos Padres: que o mais visível sinal de predestinação era a devoção à santíssima Virgem; como, ao contrário, a falta dela é o que mais nos deve fazer duvidar de nossa salvação. «Todo aquele que servir dignamente a Maria, diz São Boaventura, será justificado e se salvará; mas o que não fizer caso de servi-la morrerá infelizmente em seus pecados.» *Qui digne coluerit Mariam justificabitur; et qui neglexerit eam, morietur in peccatis suis.* Por isso disse o sábio Idiota que o que encontrou Maria encontrou nela todos os bens, porque esta Senhora ama os que a amam; e, o que é mais, ela mesma serve muito a seus fiéis servos: *Inventa Maria, invenitur omne bonum: ipsa namque diligit diligentes se; imo sibi servientibus servit.* Não, por certo, não faz Maria que

encontremos nossa salvação em seus próprios merecimentos; mas, sendo a distribuidora, dizem os Padres, das graças do Salvador, tira do tesouro das misericórdias do Redentor aquelas abundantes graças que derrama, por assim dizer, no coração dos que a amam. Aparta da cabeça de seus queridos filhos aqueles envenenados golpes que sem cessar descarrega sobre eles o inimigo da salvação: conjura as tempestades que ameaçam seus servos: dispõe que se livrem dos laços e dos perigos; e com estes importantes serviços, de que somos devedores à poderosa ternura desta amável Mãe, recompensa vantajosamente o zelo que temos em servi-la. A verdadeira devoção à santíssima Virgem é o caráter de todos os escolhidos de Deus. Não houve Santo que não a honrasse e não a amasse como a sua querida Mãe: nenhum que não lhe professasse aquele ardente, aquele terno e amoroso zelo que todo filho bem nascido professa a seus amados pais. Pelo contrário, nenhum inimigo teve o Filho que não o fosse também da Mãe: de uma mesma raiz nasce este maligno fel, esta ímpia amargura, e sempre teve também um e outro objeto. Se se aborrece Maria, não é imaginável maior extravagância que crer que se pode estar em graça de seu Filho. Daqui nasce aquele monstruoso desencadeamento de todos os hereges contra a devoção à santíssima Virgem. No tribunal do erro todo devoto de Maria se declara por homem de pouco entendimento; orações, rosários, novenas, piedosas devoções, tudo se trata de superstição no espírito, no ditame e no coração de quantos são rebeldes à Igreja. Regozijai-vos, Virgem Maria, porque só Vós confundistes, degolastes, extinguistes todas as heresias: *Gaude, Maria Virgo, cunctas hæreses sola interemisti.* Aquela antiga serpente fará (e que inutilmente!) todos os seus esforços para morder-vos, e os inficionados de seu veneno nunca cessarão de gritar contra vosso culto e desacreditar vossa devoção; mas que em vão!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Mateus.

Mateus 1,1-16

> **Latim:** [1] Liber generationis Jesu Christi filii David, filii Abraham. [2] Abraham genuit Isaac. Isaac autem genuit Jacob. Jacob autem genuit Judam, et fratres ejus. [3] Judas autem genuit Phares, et Zaram de Thamar. Phares autem genuit Esron. Esron autem genuit Aram. [4] Aram autem genuit Aminadab. Aminadab autem genuit Naasson. Naasson autem genuit Salmon. [5] Salmon autem genuit Booz de Rahab. Booz autem genuit Obed ex Ruth. Obed autem genuit Jesse. Jesse autem genuit David regem. [6] David autem rex genuit Salomonem ex ea quæ fuit Uriæ. [7] Salomon autem genuit Roboam. Roboam autem genuit Abiam. Abias autem genuit Asa. [8] Asa autem genuit Josophat. Josophat autem genuit Joram. Joram autem genuit Oziam. [9] Ozias autem genuit Joatham. Joatham autem genuit Achaz. Achaz autem genuit Ezechiam. [10] Ezechias autem genuit Manassen. Manasses autem genuit Amon. Amon autem genuit Josiam. [11] Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis. [12] Et post

> transmigrationem Babylonis : Jechonias genuit Salathiel. Salathiel autem genuit Zorobabel. 13 Zorobabel autem genuit Abiud. Abiud autem genuit Eliacim. Eliacim autem genuit Azor. 14 Azor autem genuit Sadoc. Sadoc autem genuit Achim. Achim autem genuit Eliud. 15 Eliud autem genuit Eleazar. Eleazar autem genuit Mathan. Mathan autem genuit Jacob. 16 Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.

Português: 1 LIVRO da geração de Jesu Christo filho de David, filho de Abrahão. 2 Abrahão gerou a Isaac. E Isaac gerou a Jacob. E Jacob gerou a Judas, e a seus irmãos. 3 E Judas gerou de Thamar a Farès, e a Zarão. E Farès gerou a Esron. E Esron gerou a Arão. 4 E Arão gerou a Aminadab. E Aminadab gerou a Naasson. E Naasson gerou a Salmon. 5 E Salmon gerou de Rehab a Booz. E Booz gerou de Ruth a Obed. E Obed gerou a Jessé. E Jessé gerou ao rei David. 6 E o rei David gerou a Salamão d'aquella que foi de Urias. 7 E Salamão gerou a Roboão. E Roboão gerou a Abias. E Abias gerou a Asá. 8 E Asá gerou a Josafat. E Josafat gerou a Jorão. E Jorão gerou a Ozias. 9 E Ozias gerou a Joathão. E Joathão gerou a Acaz. E Acaz gerou a Ezequias. 10 E Ezequias gerou a Manassés. E Manassés gerou a Amon. E Amon gerou a Josias. 11 E Josias gerou a Jeconias, e a seus irmãos na transmigração de Babylonia. 12 E depois da transmigração de Babylonia: Jeconias gerou a Salathiel. E Salathiel gerou a Zorobabel. 13 E Zorobabel gerou a Abiúd. E Abiúd gerou a Eliacim. E Eliacim gerou a Azor. 14 E Azor gerou a Sadoc. E Sadoc gerou a Aquim. E Aquim gerou a Eliúd. 15 E Eliúd gerou a Eleazar. E Eleazar gerou a Mathan. E Mathan gerou a Jacob. 16 E Jacob gerou a José esposo de Maria, da qual nasceo Jesus, que se chama o Christo.

Meditação

Sobre a Natividade da santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que basta saber que nasce para ser Mãe de Deus esta bem-aventurada Menina que acaba de nascer, e cujo nascimento celebra hoje com tanta solenidade a santa Igreja. Não são mister mais razões para compreender o justo motivo desta festa e para entrar no espírito da Igreja, solenizando com toda a devoção, com todo o gozo e com toda a celebridade possível esta santa natividade. Nasce a santíssima Virgem; e o que distingue este nascimento, o que faz bem-aventurada a recém-nascida, o que desde o mesmo instante em que viu a luz a constitui digna de nossos respeitos e de nosso comum alvoroço não é a glória de seus antepassados nem a nobreza de sua origem. Estimem embora estas vantajosas circunstâncias aqueles que estão preocupados das ideias do mundo. Descendeis, ó Virgem santa (é assim), de Patriarcas e de Reis; mas o que diante de Deus exalta vosso mérito, o que excita nossa alegria, nossa veneração, nossa confiança e nosso amor não é nem o esplendor de suas dignidades, nem sua grandeza, nem seu poder, nem seus memoráveis feitos: aquela só santidade que fez ditosa vossa conceição faz também feliz

vosso nascimento. Nem tampouco pode nascer de outro princípio nossa dita. Fazem-se grandes regozijos no nascimento dos grandes; mas, apesar dos aplausos que lhes tributam os homens, apesar das honras que lhes rendem desde o mesmo berço, como foram concebidos em pecado, nascem em pecado, filhos de ira, dignos do ódio de Deus e expostos aos rigorosos castigos de sua justiça. Ainda que lhes tributem as maiores honras e respeitos, são incapazes de fazer por si mesmos em muito tempo a mais mínima graça a seus cortesãos. Mas a santíssima Virgem já quando nasce é objeto das divinas complacências, Filha muito amada do Altíssimo, cumulada de suas mais abundantes bênçãos e enriquecida com todos os dons de seu espírito. É tão grande seu poder com Deus desde o mesmo instante de seu nascimento que ela só, quando nasce, nos pode fazer muito mais bem que todos os Santos juntos no curso de sua vida, nem desde sua bem-aventurada habitação na glória. Que graças não nos pode merecer ainda no mesmo berço? E com que bondade, com que complacência não recebe nele nossos reverentes cultos? E, se o nascimento de Maria é matéria tão grande de alegria para nós, por que não o será também para ela nossa devoção, nossa confiança e nosso amor a esta soberana Senhora? As honras que se rendem a Maria em seu nascimento lhe ganham o coração; e nossa devoção neste dia não pode deixar de agradar extremamente àquele divino Filho que tem tão no coração a honra de sua santíssima Mãe. Muito mais gratos, muito mais estimáveis lhe são a um príncipe as honras que se lhe tributam quando se vê num estado obscuro e abatido que as que se lhe rendem na majestade do trono e rodeado de toda a brilhantez, de toda a magnificência de sua corte. Pois com que olhos, com que gosto olhará e receberá Maria a devoção de seus queridos servos ao mistério de seu nascimento, quando, apesar daquele estado pobre, fraco e, ao parecer, abatido, é honrada com ansiosa reverência, respeitada por senhora soberana de todo o universo e reconhecida por poderosa medianeira entre Deus e os homens! Esta só devoção basta para obrigá-la a derramar seus mais assinalados favores no coração de seus devotos tão zelosos por sua glória.

Segundo ponto

Considera que o nascimento da santíssima Virgem é um dos pontos de maior consolo que se nos podem propor para a meditação; manancial inesgotável de reflexões a cual mais saudáveis e proveitosas. Nenhuma coisa excita mais nossa confiança, nossa ternura, nossa devoção, nosso respeito à Mãe de Deus que as prerrogativas de seu glorioso nascimento. Se consideramos Maria em si mesma desde o próprio berço, sua eleição, suas graças, suas virtudes, sua santidade, seus méritos, sua glória e seus privilégios, tudo é objeto de admiração aos mesmos Anjos, tudo lhes arrebata a veneração e o amor. Pois que efeito não devem produzir estas considerações no entendimento e no coração dos homens! Se a consideramos pelas correlações que tem conosco, ela é nossa rainha, nossa advogada, nossa corredentora, nossa boa mãe e nossa esperança, como o canta a Igreja: ela é nossa fiadora com Deus, como se explica Santo Agostinho: nossa medianeira com o soberano Mediador, como a apelida São Bernardo; o remédio de todos os nossos males, como o publica São Boaventura: nossa paz, nossa alegria e nosso consolo, na língua e na pena de Santo Efrém: ela, enfim, é nossa glória, nossa coroa e nossa vida, como a mesma Igreja a chama. Mas ainda não é Mãe de Deus: não importa; é-o já nos decretos eternos, na ideia divina, à qual todas as coisas são presentes em toda a eternidade. Foi concebida sem mancha e nasceu toda santa e toda pura para ser Mãe de Deus. Ainda que o príncipe que nasce ainda não seja rei, basta que o tenha de ser algum dia ou que nasça para sê-lo, para que desde logo todos os povos o

honrem e o respeitem. Pois quais devem ser nossos respeitos à onipotente, à toda amável Mãe de Deus, que, por assim dizer, nos é todas as coisas e a quem parece que temos em lugar de todas elas! Entre todos os dias que compõem a vida dos grandes, só o de seu nascimento é o que todos os anos se celebra com regozijos, com beija-mãos, com festas e com regalos: nem na verdade há outro dia que o mereça mais. Este antiquíssimo costume acredita o amor e o respeito que se professa a um príncipe a quem se honra desde seu mesmo nascimento. Muito mais justo é nosso gozo, nossa veneração e nosso culto no nascimento de Maria, muito mais bem fundados nossos respeitos. Nasce Maria ao mundo cumulada de merecimentos: sabemos que há de cumular o mesmo mundo de bênçãos e de ditas. Nasce para ser Mãe de Deus e, por conseguinte, para sê-lo dos homens, sua soberana senhora, nossa esperança, nosso asilo, nosso refúgio e nosso consolo. Pois poderá um cristão deixar de apressar-se a tributar sua veneração, suas homenagens e seu culto a esta soberana Princesa desde o mesmo instante em que começa a ver a luz? Havemos de esperar para isso vê-la quase expirar de dor ao pé da cruz ou que entre triunfante na glória? Não deixaram de tributar-lhe vassalagem todas as inteligências celestiais desde o mesmo ponto em que se deixou ver na terra, reconhecendo-a por Rainha de todos os espíritos bem-aventurados; pois quais deverão ser nossas ânsias, nossos regozijos, nossos votos e nossa ternura com esta doçíssima Imperatriz no dia de seu alegre nascimento? E, se os grandes celebram cada ano o dia de seu nascimento como o de sua maior festa; se não sabem negar graça alguma que se lhes peça em semelhante dia; se esse é o de suas graças e de suas liberalidades, poderemos pensar que seja Maria menos franca, menos liberal no ditoso dia de seu feliz nascimento?

Não, Virgem santíssima, não o pensamos assim: seria um pensamento indigno de vossa augusta dignidade, desse coração tão benéfico, duvidar do grande amor que nos tendes, particularmente neste solenissimo dia. Resolvido estou, com a graça de meu Deus, a não me fazer indigno de vossos favores num dia tão precioso.

Jaculatórias

Teu nascimento, ó Virgem Mãe de Deus, encheu de alegria todo o universo mundo. (*Ecclesia.*)

Celebremos com o maior regozijo o nascimento da santíssima Virgem Maria. (*Ibid.*)

Propósitos

1. Fácil coisa é compreender quanto nos importa conseguir a proteção da santíssima Virgem. É certo que nenhuma graça podemos lograr senão por seu favor; e que, mediante seu favor, não há graça que não possamos lograr. Ainda que não houvesse sido escolhida para ser Mãe do Onipotente; ainda que seu Filho não houvesse posto em suas mãos todos os seus tesouros; é visível que pelos só méritos de sua vida sua intercessão seria em certa maneira onipotente; e que uma só palavra de sua boca poderia muito mais com Deus que se todos os Santos juntos do céu se unissem para pedir-lhe algum favor; pois quanta será sua autoridade, sendo Mãe de Deus e como a

tesoureira geral de todas as suas graças! E, com efeito, sendo tão boa, como o é, para com todos os do mundo; estando incessantemente perto de seu querido Filho, pedindo-lhe graça e perdão para os mais insignes pecadores, como poderia esquecer os que particularmente a honram? Basta muitas vezes uma breve oração, um voto, uma oferenda, uma novena, uma devota romaria para conseguir milagres por sua intercessão; pois que não fará por um amor terno e constante, por obséquios contínuos e regrados, por uma devoção afetuosa e sólida? Coloca nela toda a tua confiança depois de Jesus Cristo, e não se te passe hora do dia sem recorrer a esta Senhora.

2. Honra particularmente o dia de seu nascimento; e professa toda a vida especial devoção à Virgem menina; mas singularmente àquele primeiro instante em que veio à luz do mundo. É muito agradável à santíssima Virgem esta devoção. Tiveram-na muitos grandes Santos, e por ela mereceram muito especiais favores. Imita tão belo exemplo. Reza todos os sábados alguma oração, ainda que não seja mais que uma Ave-Maria, em reverência de todos os mistérios da santíssima Virgem, sobretudo o de sua imaculada Conceição, de sua Natividade e de sua Assunção aos céus.

[^1]: Assim o intitula a história original, diz o Dr. Pujades, acrescentando que houve bispo em Manresa até que a sede foi restituída em Vic de Ausona, que havia passado àquela cidade por ocasião dos mouros. (*Crón. del principado de Cataluña.*)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:20 by Admin